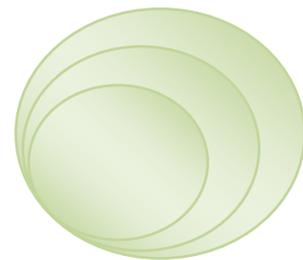


“History of Portugal” e “Memoranda Lusitanica” – Uma Visão Romântica da História Portuguesa nas Páginas de *The Monthly Mirror*



João Paulo Ascenso P. da Silva
FCSH/UNL
CETAPS¹

São sem dúvida de índole muito diversa os factores que determinaram a sistemática afluência de cidadãos britânicos ao nosso país a partir de meados de Setecentos. Entre estes destacaremos as multisseculares relações entre os dois estados, que atravessaram fases de cariz essencialmente militar, mas que no Século das Luzes eram sobretudo comerciais. Esta intensificação do intercâmbio entre as duas nações conduziu a Portugal grande número de ingleses, muitos dos quais aqui se viriam a estabelecer definitivamente. Foram precisamente motivos desta natureza que trouxeram ao nosso país John Adamson, o lusófilo cuja obra passaremos de imediato a apresentar.

Nascido em 1787 no seio de uma família influente de Gateshead, nos arredores de Newcastle-upon-Tyne, o nosso autor terá demonstrado desde muito cedo particular interesse pela literatura. Em 1803, concluídos os seus estudos, Adamson é enviado pela família para Lisboa, onde residia o irmão mais velho, Blythman, comerciante abastado e destacado membro da comunidade britânica da capital. A actividade mercantil e o mundo dos negócios seriam o futuro reservado para John Adamson, predestinado a participar nos negócios do irmão e a tornar-se seu sócio, após alguns anos de experiência comercial.

Dada a inexistência de correspondência datada daquele período ou de qualquer outro tipo de documentos, desconhecem-se pormenores relativos às actividades que desenvolveu durante a sua estada em Portugal. Sabemos, contudo,



que, para além de ter aprendido a língua portuguesa, manifestou particular interesse pelas nossas letras, adquirindo e colecionando obras de autores portugueses, que viriam a constituir o núcleo original da sua biblioteca, da qual resta unicamente o catálogo.²

As Guerras Napoleónicas e a primeira invasão francesa, ocorrida em 1807, forçaram-no, porém, a abandonar prematuramente os seus projectos profissionais. Assim, à imagem de outros compatriotas seus que se viriam a destacar pela sua dedicação às letras portuguesas – Edward Quillinan (1791-1855) e *Lord Strangford* (1780-1855) –, regressa apressadamente ao seu país.

Ao contrário de outros ingleses que, na mesma época, visitaram Portugal ou nele residiram, nunca viria a publicar esboços do quotidiano português e da sua realidade ou relatos das viagens realizadas pelo país. Guardou, porém, uma visão pessoal da nação que o acolhera, que, para além de invulgarmente positiva, assume contornos muito peculiares. Deste modo, a imagem de Portugal que se esforçou por transmitir aos seus compatriotas centrou-se num domínio muito específico, no qual ocupou posição de destaque e se tornou de algum modo precursor – a literatura.

Ao regressar à Grã-Bretanha decide enveredar pela carreira jurídica e estabelece-se ao fim de alguns anos como advogado e solicitador em Newcastle, desempenhando em simultâneo diversos cargos públicos de importância local. Porém, a sua intensa actividade profissional não o impediu de alcançar uma posição de prestígio nos círculos intelectuais daquela urbe industrial. Assim, em conjunto com outras personalidades da região de Tyneside, Adamson destacou-se enquanto fundador e membro de diversas instituições culturais de carácter regional. Embora se tenha dedicado à investigação nas áreas científicas mais diversas, nomeadamente a Arqueologia, a História Natural e a Mineralogia, e em todas elas tenha obtido relativo êxito, foi decerto a literatura portuguesa aquela em que alcançou maior sucesso e que verdadeiramente o fascinou.

Não obstante residir em Newcastle, cidade provinciana, afastada dos principais pólos da vida cultural e académica britânica, manteve ao longo da sua vida contacto pessoal ou por correspondência com a maioria dos intelectuais e literatos ingleses que então se interessavam pelas nossas letras, entre os quais



citaremos poetas e lusófilos como Robert Southey e Edward Quillinan, tradutores de Camões como *Lord Strangford*, Thomas Moore Musgrave e William Hayley, mas igualmente com William Morgan Kinsey.

Merece igualmente destaque o facto de o lusófilo de Newcastle ter servido de elo de ligação entre os diversos elementos da geração romântica de amigos das letras portuguesas e as figuras cimeiras da vanguarda intelectual e literária do nosso país, com quem estabeleceu importantes contactos. Como se sabe, grande número de intelectuais portugueses de tendência liberal buscara na época refúgio na Grã-Bretanha, temendo as perseguições que lhes eram movidas pelos partidários de D. Miguel. Tal circunstância permitiu a Adamson e a outros autores ingleses estabelecer ligações com algumas dessas personalidades. É neste preciso contexto que o lusófilo de Newcastle e Almeida Garrett se irão conhecer e travar relações de amizade que perduram após o regresso deste último a Portugal,³ facto comprovado pela correspondência trocada entre os dois autores, que poderá ser consultada na Biblioteca da Universidade de Coimbra (Estorninho 712-723). De Garrett, Adamson recebeu numerosas sugestões e algum apoio bibliográfico que se provaria fundamental na elaboração de alguns dos seus trabalhos.

Outra personalidade que o lusófilo afirma ter conhecido é D. José Maria de Sousa, Morgado de Mateus, que então residia em Paris e em 1817 havia publicado na capital francesa uma edição monumental de *Os Lusíadas*.⁴ Este autor terá alegadamente fornecido a John Adamson preciosas informações sobre a temática camoniana a que este último viria a recorrer na elaboração de *Memoirs of the Life and Writings of Luís de Camoens* (1820). Sabemos ainda que o lusófilo manteve correspondência com D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmela, e com José Gomes Monteiro, facto confirmado pelo próprio Adamson em cartas trocadas com Almeida Garrett (Silva 60-62). A escassez da documentação actualmente disponível impede-nos, contudo, de confirmar a hipótese de eventuais encontros havidos entre o nosso autor e as personalidades referidas, que poderiam eventualmente ter ocorrido na residência de *Lord Holland* ou junto dos livreiros e bibliófilos Gooden e Heber, a quem Adamson adquiria regularmente edições e espécimes de grande valor.



Seguindo uma tendência comum à generalidade dos autores ingleses que no século XIX se interessaram por Portugal e pelas suas letras, debruçou-se igualmente sobre Camões. Todavia, viria a ultrapassá-los pela preocupação demonstrada em estudar de forma sistemática a poesia portuguesa, sobretudo a partir do Renascimento e até à primeira geração romântica portuguesa. A dimensão excepcional alcançada pela sua obra e o carácter especializado da mesma converteram Adamson num autêntico lusófilo, já que os seus trabalhos de maior dimensão e destaque têm por tema Portugal e as suas letras.

O nosso autor foi, sem dúvida, uma figura ímpar entre os *Anglo-Portuguese scholars* do Período Romântico e talvez mesmo aquele que maior número de obras produziu e com maior regularidade. Porém, na Grã-Bretanha o seu nome era apenas conhecido num restrito círculo de personalidades interessadas no nosso país e praticamente ignorado na actualidade. A este propósito, acresce dizer que se trata de uma figura menor no panorama literário romântico e que as composições poéticas originais que nos legou revelam reduzido valor poético. Embora a dimensão da sua obra lusófila seja superior à de Robert Southey, será forçoso reconhecer que o nosso autor foi fundamentalmente divulgador, tradutor e comentador, revelando por vezes pouca imaginação e ausência de génio poético e originalidade. Por outro lado, não obstante o carácter exaustivo e cronologicamente abrangente dos trabalhos publicados no âmbito das letras portuguesas, está certamente longe de ter alcançado o valor estético ou a importância da obra realizada por Southey, em particular no âmbito da historiografia.

A sua estreia no mundo das letras teve lugar em 1808, com a versão inglesa da tragédia *Inês de Castro*, de Nicolau Luís (1772), intitulada *Dona Inez de Castro, A Tragedy from the Portuguese*. Porém, as duas obras que lhe granjearam maior destaque entre os *Portuguese scholars* do seu tempo foram, sem dúvida, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens* e *Lusitania Illustrata* (1842-1846).

A respeito da obra *Memoirs* importa destacar que a sua publicação constituiu um verdadeiro marco na história dos Estudos Camonianos, por se tratar da primeira monografia europeia sobre Camões, nela se efectuando um estudo profundo e especializado da vida e obra do maior poeta português, muitas décadas



antes da publicação dos trabalhos realizados por Richard Burton (1881)⁵ e Wilhelm Storck (1890).⁶ Ao longo de dois volumes, Adamson colige o maior número possível de dados biográficos, bibliográficos e críticos sobre Camões, apoiado numa leitura atenta da maior parte das obras que, até à data, haviam sido publicadas naquele âmbito. Seguindo uma tendência característica do Romantismo, Adamson pretendeu essencialmente reconstruir a biografia do poeta num longo ensaio, procedendo a uma utilização sistemática da obra camoniana como base para a elaboração do texto, nomeadamente de passagens de *Os Lusíadas* e de grande número de composições líricas, por conterem numerosas referências autobiográficas e serem a expressão mais genuína dos sentimentos do poeta. Importa, contudo, sublinhar que esta metodologia havia sido anteriormente adoptada por autores românticos que Adamson conheceu – nomeadamente *Lord Strangford* e o Morgado de Mateus – ao comporem as biografias que antecedem as suas edições da obra lírica (1803)⁷ e do poema épico (1817), respectivamente. Porém, o nosso autor foi sem dúvida mais longe do que os seus antecessores, ao recorrer, pela primeira vez e de forma generalizada, às composições líricas na elaboração da biografia de Camões.

A perspectiva romântica em que o lusófilo se enquadra está longe de poder ser considerada crítica e encontra-se de há muito ultrapassada. Assim, ao invés de proceder a uma análise profunda e sistemática da obra em si mesma, pretendeu, tal como a generalidade dos seus contemporâneos, reconstruir a biografia do autor, através de uma leitura comentada da sua obra lírica.

O retrato de Camões que Adamson irá divulgar resulta em simultâneo da concepção então vigente do estatuto do poeta na sociedade e de uma visão mítica do mesmo, característica do Romantismo e já então corrente entre os autores portugueses. Deste modo, o vate português é a um só tempo representado como o génio proscrito e desgraçado, vítima da incompreensão dos homens e da hostilidade da natureza, mas igualmente encarado como um símbolo da raça lusa e do período áureo da História de Portugal – o Renascimento. Através desta reconfiguração e redescoberta de Camões e da sua obra, o lusófilo acabará por transmitir aos leitores uma imagem romântica do passado histórico português.



A segunda obra a que aludimos, intitulada *Lusitania Illustrata*, fazia por seu turno parte de um ambicioso projecto de estudos portugueses que se teria convertido num dos mais destacados trabalhos neste domínio, caso tivesse sido concluído. Tratava-se de uma colecção de obras sobre Portugal, da qual saíram apenas dois volumes, mas cujo plano inicial incluía outros tomos dedicados à literatura, à história e aos mais diversos aspectos da nossa cultura.

O primeiro volume, editado em 1842 e dedicado ao Duque de Palmela, consiste numa compilação de sonetos portugueses em apresentação bilingue, que inclui composições dos mais representativos cultores deste género, desde o Renascimento ao Pré-Romantismo. Trata-se da primeira antologia de poetas portugueses publicada na Europa, o que atesta o seu carácter inovador. Nele se incluem biografias de quase todos os poetas escolhidos, que Adamson extraiu de obras existentes na sua famosa biblioteca, que denominou de *Bibliotheca Lusitana*, à época uma das maiores colecções privadas de obras portuguesas da Grã-Bretanha, na qual se destacava uma secção camoniana, única porção do seu vasto espólio que sobreviveu até aos nossos dias, após o incêndio que acidentalmente destruiu a sua casa.

O segundo tomo de *Lusitania Illustrata* (surgido em 1846) reveste-se de um cariz marcadamente romântico, ao divulgar pela primeira vez ao público britânico traduções de quatro composições integradas no *Romanceiro* de Almeida Garrett (Vol. I, 1843). Este volume, dedicado ao precursor do Romantismo português, inclui não só a versão original dos textos seleccionados mas igualmente diversos comentários aos mesmos. Tratou-se de um importante trabalho de divulgação da obra que Garrett havia realizado naquele âmbito e a única tradução da mesma efectuada até aos nossos dias na Grã-Bretanha.

Os dois volumes de *Lusitania Illustrata* a que nos reportámos constituiriam apenas a primeira etapa (o “Literary Department”) de um projecto mais vasto de que fariam parte outros tomos, tal como nos é dado entrever pelo lusófilo ao recorrer ao subtítulo “Notices on the History, Antiquities, Literature, etc., of Portugal”. As declarações de Adamson na dedicatória ao Duque de Palmela que



antecede o volume inicial confirmam que o nosso autor teria à partida idealizado e traçado um plano bastante mais ambicioso:

[Y]our Grace was pleased to observe that this mark of Her Most Faithful Majesty's approval of what I had already done, would, your Grace felt persuaded, be an incentive to my continuing to illustrate the Literature of Portugal. That intimation I received as a command, and I now venture to send this volume into the world, as the commencement of a series of publications chiefly devoted to the purpose to which your Grace referred; but which, not being solely confined to the Literature, are intended to treat also the History and antiquities of that Kingdom and its possessions.⁸

A resposta enviada à questão colocada por um leitor da revista *Notes and Queries* em 1853 e assinada por Edward-Hussey Adamson, filho do lusófilo, constitui a plena confirmação de que *Lusitania Illustrata* fora idealizada pelo seu autor como uma série de obras dedicadas a Portugal:

Adamson's "Lusitania Illustrata." – Is there any prospect of Mr. Adamson continuing his Lusitania Illustrata?⁹

The destruction by fire of Mr. Adamson's library which was so rich in Portuguese literature, has with other circumstances, hitherto prevented the continuation of the Lusitania Illustrata, but the appearance of other parts, in furtherance of the original plan, is by no means abandoned.

E.H.A.¹⁰

Por outro lado, em carta dirigida a Almeida Garrett e datada de 1845, Adamson revela os seus planos para futuras traduções de obras portuguesas, que certamente serviriam de continuação ao seu programa de divulgação das nossas letras na Grã-Bretanha:

I intended to have Miragaia also translated and to publish them together with a short introduction, compiled from your Introduction etc.

I waited sometime expecting you would have procured me the Works of Gil Vicente, but as they did not arrive I sent to Hamburgh [*sic*] for them, and am busy translating the prefatory matter etc. with a view of making them known here. I find Great difficulty in some of the expressions which are not given in the dictionaries, and it would be a boon to us foreigners, if you would give a glossary of the ancient words. (Estorninho 712-713)

As dificuldades técnicas que enfrentava ao pretender traduzir alguns textos, aliadas à vasta dimensão dos projectos em causa, bem como à destruição da sua



biblioteca, fonte vital de informação da qual dependia a realização dos seus trabalhos, impediram-no de os concretizar. Todavia, o simples facto de o autor aludir a tais planos permite-nos colocar determinado número de hipóteses. Assim, é possível que a versão de “Miragaia” mencionada na missiva a Garrett fizesse parte do projecto inicial do segundo volume de *Lusitania Illustrata* (editado em 1846), tendo sido omitida por motivos que desconhecemos. É igualmente provável que a tradução das obras completas de Gil Vicente, a que igualmente alude, viesse posteriormente a figurar noutros volumes desta colecção.

Os dados de que dispomos permitem-nos supor que o projecto incluiria a reedição de alguns trabalhos dispersos que Adamson havia publicado após o seu regresso à Grã-Bretanha. É o caso dos artigos sobre temas portugueses que surgiram na revista *The Monthly Mirror*, entre 1807 e 1810, intitulados respectivamente “History of Portugal” (Vol. II, Nov. 1807 – Vol. IV, Julho 1808) e “Memoranda Lusitanica” (Vol. V, Abril 1809 – Vol. VI, Dez. 1809), que se enquadrariam claramente nos objectivos traçados pelo lusófilo para *Lusitania Illustrata*. É possível que o nosso autor tencionasse publicá-los num volume exclusivamente dedicado à História de Portugal, temática versada pelos referidos textos.

É precisamente neste conjunto de artigos editados por Adamson após o seu regresso a solo britânico, que globalmente projectam uma concepção romântica do passado histórico português, que pretendemos de momento incidir o nosso esforço interpretativo. Importa desde logo sublinhar que as séries de ensaios “History of Portugal” e “Memoranda Lusitanica” surgem nas páginas da revista *The Monthly Mirror*, respectivamente entre Novembro de 1807 e Dezembro de 1810, em plena Guerra Peninsular, momento crítico da vida portuguesa e para a nação que o lusófilo elegera como pátria adoptiva, à qual como sabemos pretendia dedicar o seu talento literário. A escolha da História de Portugal como tema para duas longas séries de artigos não poderá ter sido, nas circunstâncias referidas, meramente accidental, já que o nosso autor revela desde logo no prefácio a “History of Portugal” plena consciência de que a continuidade de uma das mais antigas nações europeias enquanto estado independente se encontrava seriamente ameaçada:



At this time, when under the aspiring prosperity of Bonaparte, the kingdom of Portugal has engaged his attention, and may probably cease to exist, I thought it might afford amusement to many of your readers, to view the rise and progress of this once wonderful nation; and having met with a work published in France in 1803, purporting to be an Elementary History of the Portuguese, which concisely displays the subject I propose, I determined to translate it, and with your approbation, to present it to the public, in this and about half a dozen more papers, through the medium of your valuable publication.¹¹

Deste modo, julgamos provável que o autor tivesse pretendido chamar a atenção dos seus compatriotas para os destinos de um país que havia firmado com a Inglaterra a mais velha e duradoura aliança política e militar da Europa, ao lado da qual o exército britânico combatia com sucesso a ameaça napoleónica e em cujo território se decidia a sorte do Velho Continente.

De acordo com as alegações efectuadas por Adamson no texto introdutório, a série “History of Portugal” não constituiria um trabalho original, tratando-se alegadamente de uma versão livre de uma obra francesa datada de 1803, cuja autoria e título original nunca são revelados. Embora reconhecendo ao texto de partida o seu inequívoco valor e demonstrando no geral o seu acordo com as opiniões nele formuladas, Adamson adverte à partida o leitor para o carácter panegírico de algumas passagens onde se efectuam alusões ao governo gaulês e a Napoleão Bonaparte. Contudo, uma leitura atenta do texto permite constatar que tais referências terão sido deliberadamente omitidas pelo tradutor, que nos oferece uma versão livre do original, através da qual transmite uma imagem globalmente positiva da Inglaterra e de alguns dos seus monarcas e chefes de estado, nomeadamente Henrique VIII, Isabel I, Carlos I e Oliver Cromwell, a quem é reconhecido o mérito de terem contribuído para a transformação da Grã-Bretanha numa grande potência marítima, que sucedera a Portugal no domínio dos mares, suplantando-o no século XVII, quando, sob o domínio filipino, o império luso mergulhara num processo de irreversível declínio.

A série intitulada “History of Portugal” pretende na aparência constituir um mero epítome ou visão panorâmica da evolução do Reino de Portugal no período compreendido entre a fundação da nacionalidade e a derrota de Alcácer-Quibir, abarcando toda a Idade Média e o Renascimento, aqui representado como o



período mais glorioso da sua História. Porém, do ponto de vista historiográfico este conjunto de ensaios está longe de revelar uma conformidade com os padrões tradicionalmente revelados por textos deste género. Ao invés de uma exaustiva narrativa dos feitos guerreiros dos monarcas e heróis da dinastia de Borgonha ou da sábia condução dos destinos de Portugal por príncipes do Renascimento como D. João II ou D. Manuel I, mas igualmente das épicas jornadas dos navegadores portugueses, somos confrontados com um texto onde se procede a uma reflexão de natureza filosófica sobre as origens de uma pequena nação periférica da Europa e a sua gradual transformação num gigantesco império marítimo, repetidamente igualado às grandes potências da Antiguidade, como Roma ou Cartago.

Do conjunto de artigos em análise ressalta a ausência de uma narrativa cronologicamente organizada, de uma relação detalhada dos factos e sobretudo referências a personagens históricas e a determinados episódios determinantes no curso da nossa evolução enquanto país. Em sua substituição encontramos uma interessante série de reflexões sobre teoria política, estratégia militar, mas igualmente acerca da história da Europa medieval e moderna. Determinadas passagens de “History of Portugal” assemelham-se a um autêntico manual sobre a arte de edificar impérios, sublinhando-se as vantagens da expansão marítima sobre o domínio territorial, que explicam o sucesso alcançado nos séculos XV e XVI por Portugal e no período subsequente por nações como a Holanda e a Inglaterra. Tais considerações certamente se revestiam do maior interesse para nações como a França ou a Grã-Bretanha, que, na época, rivalizavam entre si na obtenção do estatuto de potência hegemónica. No entanto, o leitor comum pouco ficaria a saber sobre a História de Portugal entre os séculos XII e XVI, já que os ensaios em análise são parcos em informação, omitindo referências a monarcas, heróis e personalidades de primeira grandeza, pormenores de natureza cronológica e sucessos relevantes do ponto de vista histórico. Deste modo, a intenção do suposto autor francês parece ter sido oferecer uma perspectiva muito genérica e algo superficial da evolução e transformação operada em Portugal no período supracitado, estabelecendo paulatinamente paralelos com os processos históricos de outros impérios e nações antigos e modernos.



Tomados no seu conjunto, os textos traduzidos por Adamson projectam uma imagem romântica da Época Medieval, período fundador em que haviam sido lançados os alicerces das modernas nações europeias. Os monarcas da primeira dinastia portuguesa são inevitavelmente elevados à categoria de heróis virtuosos que souberam conduzir os destinos do país com sabedoria, honradez e sentido ético, afirmando-se que a posição periférica de Portugal e o seu relativo isolamento lhe permitiram escapar às convulsões sofridas pelas restantes nações europeias e lhe conferiram um carácter singular do ponto de vista político, cultural e civilizacional, que transformam o país num caso excepcional no contexto do Velho Continente.

As qualidades morais e de liderança dos reis portugueses da dinastia de Borgonha prepararam o terreno para que a nação portuguesa alcançasse o auge do seu desenvolvimento e da sua expansão com a dinastia de Avis e monarcas como D. João II e D. Manuel I, cuja inteligência e visão estratégica permitiram que Portugal edificasse o seu império na Índia e noutras regiões do Oriente. Neste contexto são esporadicamente referidas personagens históricas emblemáticas, como Vasco da Gama ou os vice-reis da Índia, que se distinguiram pelo seu valor militar e domínio da arte da guerra.

O período subsequente é genericamente descrito como uma fase de inequívoco declínio, fruto da cupidez, corrupção e dissolução de costumes, bem como da ausência de líderes comparáveis em ousadia, valor e abnegação semelhantes aos revelados pelos monarcas medievais ou pelos grandes navegadores da Era das Descobertas.

Esta visão da nossa História, na qual são identificadas três fases sucessivas – a Idade Média (período de formação da identidade nacional); o Renascimento e as Descobertas (concebido como autêntica Idade de Ouro) e a fase posterior ao reinado de D. Manuel I (encarada como fase de evidente declínio) –, certamente terá merecido a anuência de Adamson, que adopta uma perspectiva em tudo semelhante na sua análise da evolução das letras portuguesas, no primeiro volume de *Lusitania Illustrata* (1842). Igualmente curiosa é a concepção da História revelada pelo lusófilo, que em muito se assemelha àquela que Thomas Carlyle (historiador e



filósofo escocês vitoriano fortemente marcado pelo pensamento romântico alemão e por autores ingleses como Samuel Taylor Coleridge) virá a defender no ensaio *On Heroes, Hero Worship and the Heroic in History* (1841), algumas décadas mais tarde, e segundo a qual os grandes homens, as figuras heróicas e divinamente inspiradas constituiriam o motor de todas as transformações sucessivamente operadas na sociedade. Tal como Adamson, em pleno Romantismo, Carlyle acreditava que a História estava longe de constituir um processo evolutivo linear e contínuo, nela podendo ser identificadas fases alternadas de confiança e expansão e de destruição e pessimismo.

Os artigos sobre História de Portugal publicados pelo lusófilo na primeira década de Oitocentos revelam já uma enfática defesa do conceito de heroísmo e uma predilecção por figuras providenciais e iluminadas, dotadas de carisma, autoridade e de uma força sobre-humana, capazes de congregar em seu torno os esforços de todo um povo, tendo em vista a concretização de objectivos grandiosos: a glorificação de uma nação, o estabelecimento de um regime estável, a manutenção da paz e da coesão interna e, finalmente, a materialização de um sonho imperial. O único aspecto em que Adamson claramente diverge de Carlyle é a sua crença na fórmula *King in Parliament* e a sua firme recusa de um sistema de poder autocrático, facto que poderá ser constatado percorrendo a seguinte passagem de um dos seus artigos:

The first kings of Portugal treated their subjects in the same manner, with this difference, they were virtuous, wise and possessed of superior talents, having no other inclinations than what their duty prompted. When an affair of consequence was to be decided, they never determined it themselves, thinking that the king in council was only one man. The states were assembled where every free citizen assisted in person, and not by his representative, who seldom fulfils his duty in the manner he ought; an enlightened council decided the affairs brought before the throne. A species of mixed government is the best, because the evils arising from the revolutions, which environ a throne, are prevented.¹²

Passando brevemente à análise da segunda série de textos de cariz historiográfico publicada no magazine *The Monthly Mirror*, intitulada “Memoranda Lusitanica”, constatamos que esta assume características bastante diferentes da anterior, por se tratar de um trabalho original de Adamson e revelar nitidamente as



marcas da sua autoria, pelo carácter exaustivo e rigoroso e a preocupação demonstrada em fundamentar a sua leitura dos factos num número bastante diversificado de fontes. O teor filosófico e por vezes especulativo evidenciado pela série “History of Portugal” é aqui substituído por um estilo sóbrio e austero e uma formalidade quase académica.

Em “Memoranda Lusitanica” o lusófilo relata a história da Casa de Bragança, desde as origens desta família aristocrática até à ascensão de D. João IV, primeiro rei desta dinastia, ao trono de Portugal e à Guerra da Restauração. O interesse deste conjunto de textos de divulgação, através dos quais pretendeu homenagear a família real portuguesa, então exilada no Brasil, reside sobretudo no rigor e precisão dos factos relatados e registados na narrativa histórica, devidamente confirmados pelo recurso a um número diversificado de fontes bibliográficas, contando-se entre os autores citados Damião de Góis, o Cavaleiro de Oliveira, Manuel de Faria e Sousa, Francis Sandford e Girolamo Franchi Conestaggio, cujas obras figuravam na sua biblioteca.

Igualmente curioso é o facto de o autor efectuar alguns excursos ao longo desta narrativa histórica, aludindo a personalidades destacadas no seio da Casa de Bragança, pela sua importância no âmbito das relações luso-britânicas (como acontece no caso de D. Beatriz, irmã de D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, que viria a casar-se com o Conde de Arundel, Tesoureiro Real inglês) ou ainda a figuras míticas portuguesas de algum modo relacionadas com aquela família aristocrática e eventualmente conhecidas de alguns leitores mais informados, nomeadamente Inês de Castro (que terá casado com D. Pedro I na cidade de Bragança) e D. Sebastião, repetidamente referido a propósito da coroação do Cardeal D. Henrique, mas igualmente por via da presença de D. Teodósio na batalha de Alcácer-Quibir.

Procurámos através deste texto e de uma abordagem algo sucinta de alguns trabalhos menores surgidos em publicações periódicas britânicas dar a conhecer uma faceta quase desconhecida de uma das mais eminentes figuras da lusofilia romântica, mais precisamente a sua visão da História de Portugal, em larga medida convergente com a apreciação que efectua da evolução das letras e da cultura portuguesas. A sua concepção da História, a forma como representa os grandes



heróis portugueses, elevados à categoria de figuras míticas, bem como a imagem idealizada de alguns períodos da vida nacional são sem dúvida característicos do Romantismo.

Os dados apresentados ao longo deste trabalho permitem-nos afirmar que a sua obra constituiu o mais vasto e ambicioso projecto de estudos portugueses delineado por um lusófilo inglês da Era Romântica. Ele ultrapassava largamente os limites dos volumes que chegaria a publicar e nele caberiam certamente as obras realizadas no âmbito da historiografia, que, por se encontrarem dispersas pelas páginas dos periódicos, foram esquecidas por críticos e académicos. A completa materialização do projecto original de *Lusitania Illustrata* tê-lo-ia convertido globalmente numa autêntica tese, numa obra de contornos largamente inovadores, cuja leitura se tornaria essencial para um conhecimento profundo da nossa História e em particular da literatura portuguesa. Nessas circunstâncias Adamson teria certamente ido ao encontro das expectativas de um público que, embora pouco numeroso e bastante especializado, acompanhava atentamente o seu percurso literário e apreciava a qualidade e o rigor dos seus trabalhos.

¹ Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² O catálogo da sua biblioteca seria publicado em 1836 sob o título de *Bibliotheca Lusitana; Or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal: Forming part of the Library of John Adamson*. Newcastle-upon-Tyne: T. and J. Hodgson, 1836.

³ De acordo com Félix Walter, Adamson e outros lusófilos e camonistas britânicos seus contemporâneos (Southey, Kinsey, Quillinan e Strangford) viriam a travar relações de amizade mais ou menos duradouras com Almeida Garrett e outros refugiados políticos portugueses que então se encontravam exilados na Grã-Bretanha (Walter 107-110). Palco de tais encontros foram a capela da Embaixada de Portugal em Londres, a residência de Lord Holland, estudioso das literaturas ibéricas, e as bibliotecas dos bibliófilos James Gooden e Richard Heber. De acordo com Lia Noémia Raitt, foi por intermédio destas duas últimas personalidades, que davam regularmente livre acesso às suas colecções de livros portugueses ao nosso autor e através das quais adquiriu grande número de edições raras, que Adamson conheceu Almeida Garrett (Raitt 10).

⁴ Morgado de Mateus (José Maria de Sousa Botelho). *Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões*. Paris: Firmin Didot, 1817.

⁵ Richard Burton começaria por publicar a sua versão do poema épico: *Os Lusíadas (The Lusiads): Englished by Richard Burton*. 2 vols. London: 1881. Seguir-se-iam uma monografia de Camões, intitulada *Camoens: His Life and his Lusiads*. 2 vols. London: 1881; e a tradução integral da obra lírica do vate português: *Camoens, The Lyricks*. 2 vols. London: 1884.



⁶ É o seguinte o título do estudo elaborado por Wilhelm Storck em torno da vida e obra de Camões: *Luis de Camoens Leben, nebst geschichtlicher Einleitung*. Paderborn: 1890.

⁷ Strangford, Lord Viscount (Percy Clinton Sydney Smythe). *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: With Remarks on His Life and Writings, Notes, etc.* London: 1803.

⁸ John Adamson. *Lusitania Illustrata*. Vol. 2. Newcastle-upon-Tyne: M.A. Richardson, 1846. iii-iv.

⁹ W. M. M. "Minor Queries." *Notes and Queries*, First Series VIII (30 July 1853): 104.

¹⁰ E. H. A. "Replies to Minor Queries." *Notes and Queries*, First Series VIII (10 September 1853): 257.

¹¹ John Adamson. "Mr. Adamson's Prefatory Letter." *The Monthly Review*, New Series II, November 1807: 315-316.

¹² *Idem*: 319.

OBRAS CITADAS

1. Fontes

1.1. Obras de John Adamson

Adamson, John. *Bibliotheca Lusitana; Or Catalogue of Books and Tracts, Relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal: Forming Part of the Library of...* Newcastle-upon-Tyne: T. and J. Hodgson, 1836.

---. *Dona Ignez de Castro, A Tragedy from the Portuguese of Nicola Luiz, With Remarks on the History of that Unfortunate Lady*. Newcastle-upon-Tyne: D. Akenhead & Sons; London: Longman, Hurst, Rees and Orme, 1808.

---. *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc. of Portugal. Literary Department, Part I. Selection of Sonnets, With Biographical Sketches of the Authors*. Newcastle-upon-Tyne: T. and J. Hodgson, 1842.

---. *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, etc. of Portugal. Literary Department, Part II. Minstrelsy*. Newcastle-upon-Tyne: M. A. Richardson, 1846.

---. *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*. 2 vols. London, Edinburgh and Newcastle-upon-Tyne: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820.

1.2. Artigos de John Adamson publicados na revista *The Monthly Mirror*. New Series, II (Nov. 1807) – VIII (Oct. 1810)

1.2.1. "History of Portugal." Vols. II (Nov. 1807) – IV (July 1808)



-
- . "Mr Adamson's Prefatory Letter." *The Monthly Mirror*. II (Nov. 1807): 315-317.
 - . "Original State of Portugal; Its Laws, Its Manners, Its Ancient Government." *The Monthly Mirror*. II (Nov. 1807): 317-320.
 - . "History of Portugal. By Mr.... Chapter II. The Portuguese the First Navigators. – Historical Dissertation on the Present State of the Marine – Particularly that of England." *The Monthly Mirror*. II (Dec. 1807): 385-389.
 - . "History of Portugal.... Chapter III. Change in the Character of the Portuguese After Passing the Seas – their Military Maxims – their Power in the Indies." *The Monthly Mirror*. III (Feb. 1808): 81-83.
 - . "History of Portugal.... Chapter III.... Continued from p. 83." *The Monthly Mirror*. III (March 1808): 224-226.
 - . "History of Portugal.... Chapter IV. The Cause of the Rapid Progress of the Portuguese in India, and of the Decline of their Power." *The Monthly Mirror*. III (April 1808): 292-296.
 - . "History of Portugal.... Chapter IV.... (continued)." *The Monthly Mirror*. III (June 1808): 430-432.
 - . "History of Portugal.... Chapter IV.... (continued)." *The Monthly Mirror*. IV (July 1808): 19.
 - . "Chapter V. The Commerce of the Portuguese in the Indies – The Advantages they at First Derived from It – Revolutions – The Loss of Their Establishments." *The Monthly Mirror*. IV (July 1808): 20-21.

1.2.2. "Memoranda Lusitanica." Vols. V (April 1809) – VI (Dec. 1809)

- . "To the Editor of the Monthly Mirror." *The Monthly Mirror*. V (April 1809): 210.
- . "Memoranda Lusitanica. N.º I. The House of Braganza." *The Monthly Mirror*. V (April 1809): 211-214.
- . "Memoranda Lusitanica. By Mr.... N.º II. The House of Braganza." *The Monthly Mirror*. V (May 1809): 269-272.



-
- . "Memoranda Lusitanica. By.... N.º III. The House of Braganza." *The Monthly Mirror*. VI (Aug. 1809): 83-86.
 - . "Memoranda Lusitanica. By.... N.º IV. (Continued from p. 86). The House of Braganza." *The Monthly Mirror*. VI (Nov. 1809): 268-272.
 - . "Memoranda Lusitanica. The House of Braganza. N.º V. (Concluded from page 272)." *The Monthly Mirror*. VI (Dec. 1809): 328-331.

2. Estudos

- Adamson, Edward-Hussey. "Replies to Minor Queries." *Notes and Queries*, First Series VIII (10 September 1853): 257.
- Amorim, Francisco Gomes de. *Garrett. Memórias Biográficas*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-1884.
- Atkinson, William C. *British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies*. London: The British Council, 1974.
- Branco, Manuel Bernardes. *Portugal e os Estrangeiros*. Vol. I. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1879. 12-16.
- Cabral, Adolfo. *Southey e Portugal – 1774-1801. Aspectos de uma Biografia Literária*. Lisboa: Papelaria Fernandes, 1959.
- Cardim, Luís. *Projeção de Camões nas Letras Inglesas*. Lisboa: Inquérito, 1940.
- Dibdin, Thomas Frognall. *A Bibliographical, Antiquarian and Picturesque Tour in the Northern Counties of England and in Scotland*. 3 vols. London: n.p., 1838.
- Estorninho, Carlos. "O Culto de Camões em Inglaterra." *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. VI. 23-24 (1955): 7-8, 12-13, 22.
- . "Garrett e a Inglaterra." *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. XXI. 2.ª Série, 1 (1961): 25, 29, 32.
 - . "Letters from British Correspondents to Almeida Garrett." *Annual Report and Review of the Historical Association, Portugal Branch*. 12th Annual Report and Review. (1954): 712-723.



-
- Garrett, Almeida. *Romanceiro e Cancioneiro Geral, ... I. Adozinda e Outros*. Vol. I. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843.
- . *Romanceiro por... Romances Cavalharescos Antigos*. Vols. II-III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.
- Moser, Fernando de Mello. "Luís de Camões em Inglaterra." *Os Lusíadas: Estudos sobre a Projecção de Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras*. Lisboa: Academia das Ciências, 1984. 311-312.
- M., W. M. "Minor Queries." *Notes and Queries*, First Series VIII (30 July 1853): 104.
- Pacheco, Fran. *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*. Lisbon: Editorial Império, 1937. 25-26.
- Pallister, George. *John Adamson 1787-1855, An Eminent Novocastrian*. Newcastle-upon-Tyne: J. Holmes and Co., n.d.
- Pequito, João Martins Gomes. "John Adamson (Lusófilo e Camonianista do Século XIX)." Dissertação de Licenciatura inédita. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959.
- Pires, Maria Laura Bettencourt Pires. *Portugal Visto pelos Ingleses*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981. 35-37.
- Raitt, Lia Noémia Rodrigues Correia. *Garrett and the English Muse*. London: Tamesis Books, 1983. 2, 9-10, 12-13.
- Rocha, André Crabbé. "Quelques Traducteurs de Garrett ou le Désir d'Universalité." *Homenagem a Almeida Garrett*. Porto: Clube Fenianos Portuenses, 1952.
- Silva, Inocêncio Francisco da Silva. *Dicionário Bibliográfico Português, Estudos de..., Aplicáveis a Portugal e ao Brazil, Continuados e Ampliados por Brito Aranha*. Tomo XIV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. 235-240, 246-247, 373, 375.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da. *Memórias de Portugal, A Obra Lusófila de John Adamson*. Lisboa e Ponta Delgada: Eurosigno, 1990.
- Southey, Charles Cuthbert, ed. *The Life and Correspondence of the Late Robert Southey*. Vol. III. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1850. 158-162.



Tedder, Henry Richard. "Adamson, John (1787-1855)." *The Compact Edition of the Dictionary of National Biography, Complete Text Reproduced Micrographically*. Vol. I. Oxford: Oxford University Press. 10.

Walter, Félix. *La Littérature Portugaise en Angleterre à L'Époque Romantique*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.